



Pedro Cabrita Reis
"Uma casa e outros sítios mais"

Caroline Pagès Gallery
e Galeria Miguel Nabinho
Até 31 Julho

Pedro Cabrita Reis (Lisboa, 1952) cresceu em Campo de Ourique, estudou na FBAUL e começou a expor de modo intenso no início dos anos 80, na Cómicos e na Roma e Pavia, em Lisboa e no Porto (entre outras galerias); em 1990, *Alexandria* foi apresentado no claustro do Convento de São Francisco, Beja, e a sua obra começou a ser mostrada regularmente no circuito internacional. Em 2003, aquando da sua segunda participação na Bienal de Veneza, reuniu no catálogo diversas perspectivas que contribuíram para reposicionar o seu trabalho: o ensaio de Michael Tarantino (que adopta o tom de uma narrativa no limbo da ficção pessoal) em torno da estadia de uns dias em Lisboa, uma conversa entre o artista e o crítico britânico Adrian Searle, uma discussão mais formal redigida

por João Fernandes e, finalmente, o magnífico *Ensaio de Vocabulário* para um discurso do método, em que o filósofo José Miranda Justo congrega uma série de termos do léxico do artista em torno dos quais cria breves entendimentos de argutíssima sensibilidade para com a sua obra. São várias as palavras convocadas neste *vocabulário sem centro* – faço a difícil selecção: MURMÚRIO, POETA, DAR, FRAGILIDADE, ATÉ-CERTO-PONTO, DUPLICAR, CELEBRAÇÃO, RUÍNAS, ELEGÂNCIA (RUÍNAS – II), REGRA, APTIDÃO, CASAS, PALAVRAS – e a cada uma corresponde uma constelação, composta por uma reflexão fi-

A ASSIMETRIA DA GENEROSIDADE

condensa e a que nos induzem: *A casa da pobreza* (1989), *A casa do esquecimento* (1989), *A casa da família* (1990), *A casa do silêncio branco* (1990-1991), *A casa da paixão e do pensamento* (1990), *A casa do céu* (1989). Como se o murmúrio que exalava da brancura destas obras agora se fizesse pronunciável, audível, ou como se agora nos estivesse a ser oferecido. E apelo novamente às incisivas palavras de José Miranda Justo: "DAR | A esta última assimetria apetece-me chamar: a assimetria da generosidade. Numa perspectiva hermenêutica (romântica), o leitor está sempre infinitamente mais bem equipado do que o autor. (Só assim se compreende que o autor venha depois a ausentar-se – ou a morrer... etc.) O que aqui se passa é inteiramente diferente. O autor, o sujeito da concepção, constituição, construção, produção da obra é o dar... Nem sequer é a pessoa que dá. É o próprio dar que faz a obra. Assim sendo, é também o dar que faz a pessoa – o que só tem interesse na medida em isso faz da pessoa uma parte da obra. Já não (duchampiamente) a vida construída como obra, mas – mais radicalmente – a pessoa convertida em parte da obra. Melhor ainda, como se verá: a pessoa como espécie do género que é a obra. Quanto ao receber, longe de qualquer simetria com o dar, será sempre infinitamente menos do que esse dar. Mas apenas enquanto aquele que recebe não se transformar todo ele por via de um outro dar. O seu" +

M.M.F.

EXPOSIÇÕES

Críticas

losófica, um contributo artístico e uma manifesta afinidade entre os dois autores. Esta configuração aproxima-se da síntese que a prática de **PCR** tem vindo a desenhar.

"Uma casa e outros sítios mais" são de facto duas exposições, que se apresentam em dois espaços situados numa mesma rua em Campo de Ourique, tal como o "e" no título, as duas mostras criam um intervalo entre elas que indica e separa uma casa de outras casas, sítios, pessoas, ocorrências. CASAS – como já foi localizado por José Miranda Justo – constitui-se como um motor recorrente no trabalho de **PCR**, na sua acepção material (projecto, construção, ordem), na sua amplitude afectiva (família, intimidade, memória) e na sua relação com o corpo (escala, regra, eixo). Na série de desenhos apresentados na galeria Caroline Pagès, ou melhor, na casa onde o artista nasceu, mais do que a coincidência biográfica é a organização de um espaço doméstico que é colocado em estudo. Entre a planta da casa (o cânone) que é trabalhada, duplicada, elidida, sobreposta, e o mapa caleidoscópico agregador das inúmeras memórias (retratos fotográficos de **PCR**) apresentado na galeria Miguel Nabinho, lê-se o devir da sua obra. Nesta passagem

são invocadas não as imagens fotográficas de um conjunto de trabalhos anteriores, mas as memórias que cada um desses trabalhos